



Querem acabar com o Sarah

Efraim Moraes

Senador pelo PFL da Paraíba

Num país de tantas disparidades e carências como o Brasil, as instituições que conseguem superar as adversidades estruturais e estabelecer um padrão de excelência e reconhecimento internacional merecem admiração e zelo especiais por parte da sociedade e do Poder Público. Infelizmente, nem sempre isso acontece. Freqüentemente, dá-se o contrário. A instituição desperta ressentimento e inveja, criando em torno de si ambiente conspiratório que ameaça o padrão de seus serviços. É o caso presente do Hospital Sarah Kubitschek, que teve seus repasses orçamentários drasticamente reduzidos pelo Plano Plurianual e pelo Orçamento da União para 2004.

Motivo de orgulho da população de Brasília, cujo desempenho, ao longo dos anos, levou-a a se expandir para outros estados brasileiros, fazendo surgir a Rede Sarah/Associação das Pioneiras Sociais, a instituição não merece esse tratamento. Nem ela, nem nós, contribuintes, que tão pouco retorno temos dos impostos que pagamos.

O Sarah não é apenas um hospital. É uma instituição médica que forma os próprios profissionais, pesquisa e fabrica aparelhos revolucionários e obtém, com essas

iniciativas, curas verdadeiramente milagrosas. Não há nada equivalente, em matéria de recuperação ortopédica, em toda a América Latina. E o reconhecimento disso é mundial. A instituição recebe prêmios e comendas de todo o mundo.

Não obstante, e surpreendentemente, o governo Lula decidiu puni-la. Mudou sua classificação no Orçamento, enquadrando-a como mera prestadora de serviços de saúde. Ignorou todo o esforço bem-sucedido na área de pesquisa, criação de novas tecnologias e especialização de mão-de-obra. Atacou-a exatamente naquilo em que conseguiu estabelecer um diferencial primoroso, elevando a medicina do país a um patamar de Primeiro Mundo.

Sob o comando do dr. Aloysio Campos da Paz, o Sarah tornou-se paradigma em seu setor, citado nos centros mais avançados da medicina mundial. Só se pode atribuir ao desconhecimento desses aspectos o tratamento que lhe está dando o governo federal. Não é possível admitir outro motivo, sobretudo quando se sabe que o Sarah foi (está sendo) a única instituição do país na área de saúde a ter os recursos reduzidos. A única. E por quê? Aguardamos esclarecimentos.

O corte orçamentário proposto é de R\$ 32,4 milhões em relação ao ano passado, quando deveria, ao contrário, receber aumento, pela expectativa de mais que duplicação da meta de atendimento para 2004,

estimada em 6,5 milhões em toda a Rede Sarah. Nos termos dos repasses estabelecidos pelo PPA e pelo Orçamento, a Rede Sarah não poderá ir além da meta de 1,34 milhão de pacientes no próximo ano, quase cinco vezes menos que a meta estimada.

Quem perde com isso é a sociedade e o país. Sem esses recursos, o Sarah deixará de investir em pesquisa, em especialização de mão-de-obra, em desenvolvimento de tecnologias. Deixará, enfim, de ser o que é para tornar-se mais um hospital decadente do país. É preciso que o presidente da República, que assumiu compromisso prioritário com a saúde, reveja essa situação. É preciso que o Congresso, que examina o PPA e o Orçamento, se mobilize para impedir a extinção do Sarah.

Brasília, cuja medicina até os anos 80 era alvo da ironia dos médicos do eixo Rio-São Paulo, é hoje respeitada nacionalmente no setor graças sobretudo ao Sarah. Houve um tempo, no entanto, em que se dizia que os melhores hospitais eram a Varginha, a Vasp e a Transbrasil.

Se continuarem a tratar assim os centros de excelência da medicina brasileira — e aqui cito o Instituto Nacional do Câncer, no Rio, recém-atingido pela política de lotação de cargos promovida pelo governo federal —, muito em breve a saída para a saúde será buscada novamente em aviões. Só que com rota para o exterior.